

CHAMA-ME ÍBIS E NÃO TE DIREI QUEM SOU

Anotações sobre as cartas de Fernando Pessoa

Lúcia Castello Branco

“Querer escrever o amor é enfrentar a desordem da linguagem: essa região tumultuada onde a linguagem é ao mesmo tempo **demais** e **demasiadamente pouca**; excessiva (pela expansão ilimitada do eu, pela submersão emotiva) e pobre (pelos códigos sobre os quais o amor a projeta e nivela)”. (Roland Barthes).

“Meu bebé pequenino: Então o meu Bébé fez-me uma careta quando em passei? Então o Bébé que disse que me ia escrever ontem, não me escreveu? Então o Bébé não gosta de Nininho? (Não é por causa da careta, mas por causa de não escrever). Olha, Nininha; e agora a sério: achei que tinhas um ar alegre hoje, que mostravas boa disposição. Também parece ter gostado de ver o Íbis, mas isso não garanto, com medo de errar. Ainda fazes muita troça do Nininho? (A. de C.). Não sei se irei amanhã a Belém; o mais provável, como te disse, é que vá. Em todo caso, já sabes: depois das 6:30 não apareço, de modo que escusas de esperar pelo Íbis para além dessa hora. Ouvitaste? sic Muitos beijos e um abraço à roda da cintura do Bébé. Sempre e muito teu Fernando”.

Esta carta de Fernando Pessoa a Ophélia, escolhida ao acaso entre tantas outras (não a primeira ou a última, mas a décima oitava), em meio a uma correspondência que, durante o ano de 1920, e, mais tarde, em 1929-30, se fez numa periodicidade quase que diária (e, algumas vezes, mais que diária), já nos remete à indagação que percorrerá toda a obra **Cartas de Amor de Fernando Pessoa**: afinal, quem é o sujeito desse discurso? Quem o remetente das cartas? Nininho, o digno de troça? Íbis, o provável eleito? Álvaro de Campos, que aqui assina simplesmente A. de C.? ou Fernando, o “sempre e muito teu”?

É Ophélia, ou Bébé, ou Nininha, ou víbora, ou vespa vespíssima, ou ainda Íbis, destinatário não menos obscuro que o remetente das cartas, quem pretende distinguir algumas das faces desse sujeito plural: “Por exemplo, o Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos”. Dizia-me então: “Hoje, não fui eu

que vim, foi o meu amigo Álvaro de Campos"... Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhado, dizendo algumas coisas sem nexos. Um dia, quando chegou ao pé de mim, disse-me: 'Trago uma incumbência, minha Senhora, é a de deitar a fisionomia abjecta desse Fernando Pessoa, de cabeça para baixo num balde cheio de água'. E eu respondia-lhe: 'Detesto esse Álvaro de Campos. Só gosto de Fernando Pessoa'. '-Não sei porquê - Respondeu-me - olha que ele gosta muito de ti'. Raramente falava no Caeiro, no Reis ou no Soares".²

Mas o texto de Ophélia, que funciona como uma introdução às **Cartas de Amor de Fernando Pessoa** (ed. Livraria Camões, 1978), remete o leitor a um novo feixe de ambigüidades: trata-se de um relato de Dona Ophélia Queiroz, "recolhido e estruturado por sua sobrinha-neta Maria das Graças Queiroz"³ alguns anos após a morte da tia-avó, já que esta sempre se recusara "ao longo de várias décadas de compreensível hesitação e de não menos compreensível reserva, a autorizar a publicação integral desta correspondência".⁴ Relato, portanto, de segundo grau e já bastante distanciado do "real" para um discurso que se pretende biográfico.

Tanto o texto das cartas quanto a introdução de Ophélia não nos garantem uma leitura que se limite ao biografismo. Afinal, o que dizem as cartas a respeito da pessoa de Pessoa? Lê-las como biografia é correr o risco de ingressar no jogo de Álvaro de Campos (aliás, o único heterônimo poético que se introduz nas cartas) e considerá-las como simplesmente ridículas. Ou ainda correr o risco de levá-las muito a sério, como tem feito boa parte da crítica, buscando atrás do texto do poeta o "caso" Pessoa, sua doença incurável, sua resistência ao amor, seu "horror ao sexo".⁵ Nas duas situações, o leitor se manterá irremediavelmente atado à persona de Pessoa e - o que é pior - acreditando ter enfim capturado a pessoa de Pessoa.

As cartas de amor de Fernando Pessoa se localizam como um discurso amoroso e assim merecem ser lidas, por mais estranho que nos pareça esse amor. Mesmo porque, no que se refere à estranheza do amor, não há nada de tão original no sujeito das cartas. Como todo discurso amoroso, o de Fernando Pessoa também se constitui num texto sem grandeza, "feito de pequenos narcisismos, de mesquinhas psicológicas",⁶ como nos sugere Barthes. Um texto "pouco sério", já que "as cartas de amor, se há amor, têm que ser/Ridículas". Não o discurso da ordem, da Lei, da Ciência, da Doxa, mas o discurso do paradoxo, da incensatez, do delírio tolo do tolo enamorado ("O que se pode ser mais tolo que um enamorado?").⁸ Um lugar atípico, onde amorosamente, se enlaçai o amoroso de Pessoa e o amoroso de Barthes. O amoros, afinal, de todos nós.

UM NAMORO DE PAPEL

Do relato de Maria da Graça Queiroz, que pretende fazer falar a tia-avó, tem-se a primeira imagem de Fernando Pessoa aos olhos de Ophélia: "A certa altura vimos subir a escada um senhor todo vestido de preto (soube mais tarde que estava de luto pelo padraço), com um chapéu de aba rev-

rada e debruada, óculos e laço ao pescoço. Ao andar, parecia não pisar no chão. E trazia – coisa mais natural – as calças entaladas nas polainas. Não sei porquê, aquilo deu-me uma terrível vontade de rir (...)”⁹ A primeira imagem: o riso. Não seria por acaso que mais tarde esse amor se estabeleceria no registro do humor.

Daf ao primeiro contato, o percurso foi rápido. Como secretária da firma “Félix, Vallas & Freitas, Ltda”, onde Fernando Pessoa trabalhava como tradutor de correspondência, Ophélia seria imediatamente percebida por Fernando, que lhe enviaria bilhetes, poemas, beijos de papel nessa língua do papel tão íntima do poeta: “Da-me beijos, dá-me tantos/ Que enleado em teus encantos,/Preso nos abraços teus,/Eu não sinta a própria vida/Nem minha alma, ave perdida/No azul-amor dos teus céus”, ou “Dê-me um beijinho, sim”, ou simplesmente “Kiss me”.¹⁰ Ou ainda a primeira declaração de amor não escrita, mas não menos literária: “Oh, querida Ofélia! Meço mal os meus versos; careço de arte para medir os meus suspiros; amo-te em extremo. Oh! até ao último extremo, acredita!”¹¹ Em meio a tanta literatura, a moça se sente “comprometida e confusa”: “Passaram-se dias e como o Fernando parecia ignorar o que se havia passado entre nós, resolvi escrever-lhe uma carta, pedindo-lhe uma explicação. É o que dá arígem à sua primeira carta-resposta, datada de 1º de março de 1920. Assim começamos o “namoro”.¹²

assim se inicia o “namoro de papel”, que parece não ter ido muito além do texto e do papel de enamorado que Fernando Pessoa costumava representar diante de janela de Ophélia: “Eu ia para a janela, à hora combinada, ele aparecia. Passava no passeio da frente, muito discretamente, como aliás procedia em tudo, e disfarçadamente fazia-me caretas e atirava-me beijos. Depois, ia pela rua abaixo (parece impossível, um homem destes...), subindo e descendo os degraus de todas as portas aos pulinhos, só para eu achar graça”.¹³ mas o poeta não admitia que a relação amorosa fosse definida como um namoro: “Sabes, é preciso compreender que isso é de gente vulgar, e eu não sou vulgar (...) Não digas a ninguém que nos ‘namoramos’, é ridículo. Amamo-nos”.¹⁴

Um amor que, para se manter enquanto discurso, não deveria se permitir ultrapassar a esfera do desejo e da fantasia: “O meu amor é pequenino, tem calcinhas cor-de-rosa”.¹⁵ E, diante da indignação de Ophélia com essa súbita indiscrição (“Ó Fernando, como é que você sabe, se eu tenho calcinhas cor-de-rosa ou não, você nunca viu...”¹⁶), a resposta estratégica do enamorado tornaria a demarcar precisamente os limites do imaginário: “Não te zangues, Bébé, é que todas as pequeninas têm calcinhas cor-de-rosa...”¹⁷

Um amor que terminaria subitamente, como tantos, e que subitamente seria reatado, nove anos depois, novamente através de cartas, para ser mais uma vez interrompido: “O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável, e não esquecerei nunca – nunca, creia – nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável”.¹⁸

“Como termina um amor? – O quê? Termina? Em suma ninguém – ex-

ceto os outros – nunca sabe disso; uma espécie de inocência mascara o fim dessa coisa concebida, afirmada, vivida como se fosse eterna. O que quer que se torne objeto amado, quer ele desapareça ou passe à região da Amizade, de qualquer maneira, eu não o vejo nem mesmo se dissipar: o amor que se afasta para um outro mundo com uma nave espacial que deixa de piscar, o ser amado ressoava como um clamor, de repente ei-lo 'sem brilho' (...)"¹⁹

A DOR DE AMOR DE UM FINGIDOR

Na eterna angústia da espera, o amoroso sofre. A ausência, a falta, sua própria solidão exibidas como trunfos: "Estou inteiramente só - pode dizer-se; pois aqui a gente da casa, que realmente me tem tratado muito bem, é em todo o caso de cerimônia, e só me vem trazer caldo, leite ou qualquer remédio durante o dia; não me faz, nem era de esperar, companhia nenhuma. E então a esta hora da noite parece-me que estou num deserto; estou com sede e não tenho quem me dê qualquer coisa a tomar; estou meiodoido com o isolamento em que me sinto e nem tenho quem ao menos vele um pouco aqui enquanto tentasse dormir".²⁰

Mas como ler esse discurso do amoroso doido, quando o próprio doente debocha de seu mal e, num delírio de extrema lucidez, decide se auto-mediar? "Quem me dera ter a certeza de tu teres saudades de mim a valer. Ao menos isso era uma consolação... Mas tu, se calhar, pensas menos em mim que no rapaz do gargarejo, e no D.A.F. e no guarda livros de C.D. & C! Má, má, má, má má...!!!! Açoites é que tu precisas. Adeus; vou-me deitar dentro de um balde de cabeça para baixo, para descansar o espírito. Assim fazem os grandes homens - pelo menos quando teem - 1º espírito, 2º cabeça, 3º balde onde meter a cabeça".²¹ Afinal, como observa Barthes, "o discurso amoroso não é desprovido de cálculos: eu raciocino, faço contas às vezes, seja para obter determinada satisfação, para evitar determinada mágoa, seja para representar interiormente ao outro, num movimento de humor, o tesouro de engenhosidade que esbanjo a ~~trouxa de nada~~ em seu favor (...)"²²

E o que é mais curioso com relação às cartas de amor de Fernando Pessoa é que nelas a oscilação entre a dor de amor e o humor do amor tenha se efetuado num período curtíssimo de tempo, numa distância de às vezes poucos dias, às vezes poucos minutos. Talvez a chave dessa oscilação resida o fato de ser o Fernando Pessoa, como ele próprio afirma a Ophélia, aquele que "sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro".²³ Trata-se, evidentemente, de um fingidor. Mas não seria o amor esse movimento pendular entre uma e outra loucura, entre a euforia e o abismo? E não seria o amoroso o próprio pêndulo? "Assim, às vezes, a infelicidade ou a alegria desabem sobre mim, sem nenhum tumulto posterior: nenhum outro sofrimento: estou dissolvido, e não em pedaços; caio, escorro, derreto".²⁴

É curioso ainda que, não só a periodicidade das cartas, mas seu próprio texto, garanta ao discurso de Fernando Pessoa características que o apro-

ximam de um diário. Basta uma rápida leitura das cartas para se perceber que ali o autor fala menos com o outro que consigo mesmo. Trata-se sempre de sua dor, do seu desejo, do seu dia-a-dia, acrescidos de alguma referência casual a locais e horários de encontros futuros: "Peço desculpinha de a arreliar. Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r... (...) Gosta de mim por ser mim ou por não? Ou não gosta mesmo sem mim nem não? Ou então?"²⁵ É verdade que a carta de amor, como observa Barthes, se caracteriza por não possuir um valor tático, por ser puramente expressiva, por não ter de fato nada a declarar. "Nada tenho para te dizer, a não ser que esse nada, é para você que digo".²⁶ Além disso, o discurso amoroso implica sempre um sufocamento do outro, "que não encontra lugar algum para sua própria fala nesse dizer maciço".²⁷ Mas há outros traços, no texto de Fernando Pessoa, que talvez nos permitam aproximá-lo mais da estrutura do diário do que propriamente de cartas, e que talvez nos levem a preferir a expressão "discurso amoroso" a "cartas de amor".

Um dos traços mais freqüentes no diário reside na fragmentação do sujeito do discurso. O diarista é, no mínimo, dois: aquele que age e aquele que se observa agir e que escreve; é sujeito e objeto de seu discurso. Segundo Béatrice Didier, o diário "corresponde a uma nostalgia do 'estágio do espelho', a uma busca de unidade, a um pavor à dispersão, a essa velha angústia do corpo fragmentado. Mas o diário é um falso espelho: a imagem que ele produz é em si mesma fragmentada, falsificada".²⁸ Não seria esta a questão que perspassa as cartas de amor (e até mesmo a obra poética) de Fernando Pessoa? "estas palavras são de um indivíduo, que, aparte ser P pessoa, [sic] se chama preliminarmente Fernando".²⁹ E não seria esta a nostalgia que se esconde sob o pseudônimo Íbis, ave sagrada dos egípcios, encarnação do deus Tot, o padroeiro dos escribas, que reinava sobre a criação da linguagem escrita?³⁰ Através da escrita, e de uma escrita sagrada, o sujeito amoroso busca se reintegrar. Mas, se todo "dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, 'démarches', 'intri-gas'",³¹ o que dizer do discurso amoroso?

Esse processo de fragmentação do eu implicaria, segundo Béatrice Didier, um movimento de desdobramento e ausência em torno do qual o diarista se articula. O P que é pessoa é preliminarmente Fernando, mas é também Nininho, Íbis, Álvaro de Campos ou simplesmente F. Da soma de todos os heterônimos, o produto é um imenso vazio em que o eu se abisma: "Tenciono (...) ir para uma casa de saúde para o mez que vem, para ver se encontro alli um certo tratamento que me permita resistir à onda negra que me está cahindo sobre o espirito. Não sei o resultado do tratamento — isto é, não antevejo bem que possa ser (...) Afinal o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!"³²

Em última análise, o que se tem no diário, analogamente ao que ocorre no texto ficcional, é antes a invenção de um eu (múltiplo, certamente) do que sua reintegração. Daí todo o questionamento desenvolvido pela crítica contemporânea em torno da questão da sinceridade do diário (e das cartas):

"o diário é insincero, como toda escritura; ele tem o privilégio de poder ser duplamente insincero, já que aí o eu é ao mesmo tempo sujeito e objeto".³³ Com relação à sinceridade, o Fernando Pessoa ensaísta, poeta e autor das cartas nunca se calou.

Outra característica do diário, minuciosamente elaborada por Béatrice Didier, reside em sua estrutura de "escrita matricial", espécie de espaço ilusório em que a mãe provedora se encontra eternamente presente e disponível: "A escrita vai ser para eles diaristas, simultaneamente, o pretexto e o meio de eternizar esse instante em que tudo é ainda possível, em que o destino ainda não está irremediavelmente em marcha".³⁴ E não seria também esta a trajetória de todo discurso amoroso: recriar, através da linguagem, o espaço paradisiaco da mãe? "A ausência dura, preciso suportá-la. Vou então manipulá-la; transformar a distorção do tempo em vaivém, produzir ritmo, abrir o palco da linguagem (a linguagem nasce da ausência: a criança faz um carretel, que lança e retoma, simulando a partida e a volta da mãe: está criando o paradigma (...)) Essa encenação lingüística afasta a morte do outro: diz-se que um pequeno instante separa o tempo em que a criança acredita que a mãe está ausente daquele em que acredita que ela está morta. Manipular a ausência é alongar esse momento, retardar tanto quanto possível o instante em que o outro poderia oscilar secamente da ausência à morte".³⁵

As cartas de amor de Fernando Pessoa, além de se escreverem nessa linguagem de retorno à mãe, enfatizam esse aspecto através das inúmeras aproximações que se estabelecem entre a figura materna e Ophélie: é o Bébézinho que, embora pequenino, anjinho e nininho, deve curar o doente de seu mal, saciar-lhe a sede, velar por ele em suas noites de insônia. O Bébé também não deve se zangar com o "certo laconismo" de suas cartas: "As cartas são para as pessoas a quem não interessa mais falhar. para essas pessoas escrevo de boa vontade. À minha mãe, por exemplo, nunca escrevi de boa vontade, exactamente porque gosto muito d'ella".³⁶ O Bébé é, afinal, essa "almofadinha côr-de-rosa para pregar beijos",³⁷ macio e confortável como o útero materno.

Nesse registro matricial, é natural que o discurso do diarista se desenvolva como uma fala infantil, distanciada da fala logocêntrica do pai: "Em vários aspectos, o diarista é ainda in-fans, para tomar a expressão latina: situa-se num estágio de pré-linguagem, de pré-escrita".³⁸ O texto amoroso de Fernando Pessoa fala por si só: "Bébézinho do Nininho-ninho: Oh! Venho só quevê pâ dizê á Bébézinho que gotei muito da catinha d'ella. Oh! E também tive munta pena de não tá o pé do Bébé pâ le dá jinhos. Oh! O Nininho é pequininho! Hoje o Nininho não vai a Belem porque, como não sabia s'havia carros, combinei tá aqui ás seis o'as. Amanhã, a não sê qu'o Nininho não possa é que sahe d'aqui pelas cinco e meia (isto é a meia das cinco e meia). Amanhã o Bébé espera pelo Nininho, sim? Em Belem, sim? Sim? Jinhos e mais jinhos Fernando".³⁹

E não será exactamente na espessura dessa pré-escrita, dessa fala anti-logocêntrica, que se encontra a especificidade do discurso amoroso? "A

linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos nas pontas das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é 'eu te desejo', e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação. (Falar amorosamente é gastar interminavelmente, sem crise; é praticar uma relação sem orgasmo (...))⁴⁰

As cartas de amor de Fernando Pessoa não vão a nenhum lugar. Exilado, o amoroso inaugura seu discurso atópico: sem função, sem sentido, sem valor. Sua única meta reside nessa relação, nesse atrito de corpos-significantes, nesse roçar das línguas do desejo. Lero discurso amoroso de Fernando Pessoa implica ingressar nesse limbo textual, em que "a palavra não chega a tomar forma, a jorrar definitiva, decisiva".⁴¹ Desta maneira o leitor, também amoroso, será mais um outro, o terceiro que faltava nessa festa dionisíaca da linguagem.

NOTAS

1. PESSOA, Fernando. **Cartas de amor de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, Camões, 1978. p. 89.
2. QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 37.
3. PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 11.
4. MOURÃO-FERREIRA, David. Nota prévia. In: PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 8.
5. CENTENO, Y. K. Fernando Pessoa; Ophélia-bébézinho ou o horror do sexo. **Colóquio Letras**, Lisboa, Calouste Gulbenkian, (49): 11-19, mai 1979.
6. BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 4 ed. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984. p. 160.
7. CAMPOS, Álvaro de. Todas as cartas de amor são. In: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977. p. 400.
8. BARTHES, Roland. Op. cit., p. 158.
9. QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. Op. cit., p. 16-7.
10. PESSOA, Fernando apud QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 23, 25.
11. ———. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 21.
12. QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 24.
13. ———. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 33.
14. PESSOA, Fernando apud QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 30.
15. ———. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 33.
16. QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 33.
17. PESSOA, Fernando apud QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 34.
18. PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 132.
19. BARTHES, Roland. Op. cit., p. 86.
20. PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 53.
21. ———. Op. cit., p. 78.
22. BARTHES, Roland. Op. cit., p. 177.
23. PESSOA, Fernando apud QUEIROZ, Maria da Graça. O Fernando e eu. In: Op. cit., p. 40.
24. BARTHES, Roland. Op. cit., p. 9.
25. PESSOA, Fernando. Op. cit., p. 157.
26. BARTHES, Roland. Op. cit., p. 32.
27. ———. Op. cit., p. 148.

28. DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris, PUF, 1976. p. 116.
29. PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p. 140.
30. SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário das Mitologias Europeias e Orientais*. São Paulo, Cultrix/MEC, 1973. p. 293, 310.
31. BARTHES, Roland. *Op. cit.*, p. 1.
32. PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p. 129.
33. DIDIER, Béatrice. *Op. cit.*, p. 117.
34. ————. *Op. cit.*, p. 100.
35. BARTHES, Roland. *Op. cit.*, p. 29.
36. PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p. 65-6.
37. ————. *Op. cit.*, p. 66.
38. DIDIER, Béatrice. *Op. cit.*, p. 102.
39. PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p. 105. No original desta carta, há o desenho de uma meia no local assinalado por asterisco.
40. BARTHES, Roland. *Op. cit.*, p. 64.
41. DIDIER, Béatrice. *Op. cit.*, p. 102.